



COMMENDADOR JOSE MENDES DE OLIVEIRA CASTRO

Eleito director do Banco do Brasil em 4 de outubro de 1878.

Apresentando ao publico o illustre cavalheiro, que tño expontanea e honrosamente foi elevado ao cargo de director do Banco do Brasil, cumpre o *Besouro* um dever applaudindo o commercio da cõrte pela sua independencia e ajustada escolha.



Recebemos, durante a semana finda, exemplares das publicações seguintes:

*O Occidente*, revista illustrada de Portugal e do estrangeiro, n.º 17. — Além da bella *Chronica occidental*, de Guilherme de Azevedo, traz o retrato de Joaquim Pedro de Souza, acompanhado de uma breve noticia biographica. O retrato e a noticia são dos dignos pai e irmão de R. Bordallo Pinheiro.

*Arithmetica elemental*, por B. Alves Carneiro. — E' destinada a fornecer ás crianças um meio de recordarem, nas horas de estudo, os preceitos e regras que na classe houverem aprendido.

Bonito empenho, sim, sr!

*Dicionario extravagante*. — Leitura para rir, de Pedro José Ribeiro.

*Bibliotheca economica*, n.º 40, 41 e 42. — Continúa a publicar os dous interessantes romances *Os grithetas*, de Pedro Zaccane, e *Um commandante de (?) annos*, de Julio Verne.

*La saison*, n.º 17.

*Os sinos do Rio de Janeiro*, quadrilha por João José Lopes Junior.

*Sultana*, polka pela exma. sra. dona Francisca H. N. Gonzaga, com o retrato da auctora. — Em compensação a polka é bonita e o. d. e. c. ao distincto Club dos politicos. Agradeceomos penhorados, e tal, et cetera.

Convite do Jockey-Club para as corridas do dia 6. *Merci!*

Aos dignos srs. assignantes das provincias pedimos o favor de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, pela maneira que julgarem mais conveniente: carta registrada, vales postaes, ordem aos correspondentes da côrte, etc.

**Aviso.** — Aos senhores assignantes, da côrte e provincias, que não quizerem mais continuar a honrar-nos com o seu valioso auxillio, pedimos encarecidamente mandem participar-nos com antecedencia essa resolução infausa e dolorosa.

*O Besouro* distribue, d'esta feita, duas capas de annuncios; mas nem assim podemos satisfazer todos os nossos compromissos, do que pedimos desculpa aos srs. annunciantes, que ainda não foram contemplados.

## Um cumprimento



ua magestade acaba de chegar: a sua caixa thoraxica abriu-se como a valvula da locomotiva, que o trouxe, e deixou sahir n'um suspiro um uf! homerico.

Entrou e a Côrte saudosa, triste, estenden-lhe os braços finos, brancos, cheios de pulseiras e festejou-o n'uma caricia pelos fios da sua barba e depois sorriu-se.

Quería dizer: está tudo bom; o menino Leoncio *pouse*, o cu-

nhado Lafayette medita, o outro cunhado Martins rethorica, o legendario cochila como Homero, o barão está sempre... calado; emfim tudo está bom: só a variola é que tem atacado um pouco. Oh! mas a variola... um nada. Peior soffreu Sua Magestade com a bexiga *reporter*. Sua magestade que só procurava *reporters* quando viajou pela Europa e Estados-Unidos, só queria vel-os, estar com elles, fallar-lhes, achou que o bom Tinoco, o amavel, o activo, o aborrecia.

E' verdade que Sua Magestade não andava incognito por S. Paulo, mas o Tinoco andava e por isso ninguem o devia conhecer nem mesmo Sua Magestade...

Agora que já comemos o quarto do cordeiro da volta do filho prodigo, que já enchemo-nos de alegrias por vel-o farto dos jantares dos barões, e que a cutis cobre-se-lhe com um roseo saudavel de quem andou bem, queremos *profiter de cette occasion* para perguntar a Sua Magestade:

— Como lhe foi de viagem?

LEBIGRE.



## O Vulgarizador.

Não ha ninguem que lhe pegue, sem pegar tambem no somno; é tal qual o grande *Economista Brasileiro*. Aleque muito embora o Zaluar que elle é muito interessante, um isolado assignante abiscoitar não consegue, — não consegue abiscoitar!

Pobre *Vulgarizador!* Não ha ninguem que lhe pegue, sem que sinta effeitos de opio! Pobre *Vulgarizador*, que nem ao menos consegue vulgarisar-se a si proprio.

— Leste-o?... Depressa um doutor!

T. DE B.

## Isto é que é!

O outro dia o dono do café de Londres apañou no chão d'esse estabelecimento trinta botões, nada menos.

A principio julgou que houvesse malicia contra o deputado Ferraz; mas depois lembrou-se que é distribuir-se o *Mequetrefe*, é ficar o café cheio de botões...

Arrebetam-se das calças dos pequenos com as gargalhadas que lhes produz o texto d'aquelle mezario.

Mezario, para não dizer semanario. Valha a verdade...

I.

### Aviso importante

Um moço louro e que recorda por isso o romance do Sr. Manuel de Macedo, teve no dia 30 do passado o particular desejo de suicidar-se; porém como para isso não tinha motivos, roga a alguém que os queira dar, deixe dito n'esta redacção em carta fechada com a inicial:

V.

### Reforma do Theatro S. Pedro



cabriu-se a feira do largo do Rocio, e Luiz, o primeiro careca do theatro nacional, exhibiu ahi as suas habilidades. Bonita que foi a representação do *Genro do Sr. Poirier!*

Ao ver Luiz -- ao lado de Martins, estava a gente a lembrar-se de Tony, o imbecil, ás voltas com o seu burro.

Exposto na rampa o genro  
De Monsieur Poirier;  
O Martins matou Sandean  
Luiz trucidou — Augier.

A Sra. Lucinda, <sup>\*\*\*</sup>magrinha, pallidasinha, des-enxabidasinha, com a toilette da baroneza d'Ange, devidamente reformada para o theatro reformado; a Sra. Lucinda balbuciu timidamente umas dores, que não passaram além da orchestra. Depois a Sra. Lucinda reconciliou-se com o Sr. Furtado e fez scena de perdão e de amor.

O Sr. Simões ficou muito contente e limpou na sobrecasaca cor de rapé uma lagrima de familia, lagrima de contentamento, e de boa vontade.

E a Sra. Lucinda riu pelo cantinho da boeca um riso assim de quem não dormiu de noite!

Na *Volta do Mundo* <sup>\*\*\*</sup>(o mundo dá mesmo muita volta), reapareceram na estréa n. 2 o mesmo Luiz, o mesmo Martins, o mesmo Simões, a mesma Sra. Lucinda e a Sra. Apollonia.

Coitadinha da Sra. Apollonia! — isto é que é sorte. Faz dó vel-a assim entre um calvo, um boticario com *ares...* uma Sra. muda, e o todo patriarcal de um Fíguro, tinto em arte dramatica! Ella, a Sra. Apollonia! Traz á memoria o ultimo acto do *Saltimbanco*, em que a infeliz Alice tem de fazer de Igeuz de Castro.

Ora o Fíguro e o Calvo! Os grandes reformadores de belbutina e galão...

Bah! Drs. Grammas!

Bah! piñõs pantoministas!

LóLó.

### Seria modestia?

Se o folhetinista da *Reforma* em vez de se *pseudonimizar* com Lord Zero o fizesse com Lord Cifrao!...

Tudo é *caracter* de encher.

X.

### No lyrico.

O Sr Augusto de Castro:  
— Oh! que mãos d'aquelle Tamagno! São immensas!

O Sr. Joaquim Procopio:  
— E' verdade! Creia; nunca vi uma mão d'aquelle tamanho!

— Pois aproveite e veja-as ambas agora...  
Peste de calembourg!

TINOQUINHO.

### O soneto e a emenda.

Ao *Jornal do Commercio*

proposito do officio do exm. sr. ministro da fazenda aos directores do Banco do Brasil, escreveste, ó velho dromedario do jornalismo fluminense, um bello artigo em que tinhas razão, o que bem poucas vezes te acontece, e, o que é mais — *mirabile dictu!* — em que até tinhas espirito, o que nunca te succedeu de memoria de homens.

Ao cabo de cincoenta annos de uma vida trabalhosa, apoz tantas luctas inglorias, tanto salpico de lama, tanto despeito, tanta má vontade, ó velho estafeta do amor barato! fizeste afinal uma coisa boa, digna de ti e dos teus cabellos brancos.

Rejubilon-se de puro gosto a alma nacional; a alma nacional riu; a alma nacional bateu palmas; a alma nacional *pidiu bis!*

E tu, ó oito paginas grandes! quando a turba te applaudia, quando todos te desejavam e sorriam; vens tomente ao proscenio, gaguejando, dizer que a unica coisa boa que fizeste em toda a tua vida, não fora feita por ti.

Desastrado!

CHARBOVARY.

### Dialogo.

— Sr. Motta, faça o favor de tomar uma assignatura do *Economista Brasileiro*.

— O que vem a ser o *Economista Brasileiro?*

— E' o meu jornal...

— Pois o senhor anda a fazer propaganda de economia, e quer que eu gaste cobres com uma assignatura? Ora, viva!

— Ora assigne! Inteira a meia duzia...

O Sr. Motta, depois de muito rogado, inscreveu-se, afinal, hontem á noite, nas listas dos assignantes.

Já é o sexto individuo que dá semelhante passo este anno.

Ignoram-se os motivos que o levaram a esse acto de desespero.

IGNOTUS.





### ERRATA AO NUMERO 27

Por um erro do paginador, não ficou parecido o retrato que publicámos em homenagem ao illustre ministro do imperio (Homenagem por causa da instrucção publica).

O sr. Leoncio é bonito e nós fizamol-o feio. Vejam só! Já puzemos a ferros a nossa mão direita. Agora quem o fez foi o Off.

Está contente, sr. Leoncio? — E o que diz a isto o sr. Hudson? —

Damos tambem o retrato da penna de oiro. — O paginador... han! han!



O JORNAL

DO COMER...

SCIO!



# COITADO!



Deu-lhe o phylloxera na folha... | Coitado! Está com o mal das vinhas... Coitado! Pois quem o manda sair do commercio? Coitado!

COITADO DO JORNAL DO COMER... SCIO! COITADO!



Quiz ser jornalista e politico... Coitado! Logo que acabou a mamata das sessões... Coitado! E confunde a pedidos com artigos de fundo! Questão de habito... Coitado! O habito de nunca tomar a responsabilidade das coisas que faz... Coitado! — Quem é afinal que escreve os artigos de fundo do *Jornal*? Coitado!

Ou é o sr. Castro ou o sr. Guzmão... Coitado!

Quando o artigo é bom, é do sr. Castro;



quando é mau, é do paginador.



Isto prova que quem escreve os artigos de fundo é o mesmo que escreve os *a pedidos*. Coitado! Não põe o nome por baixo para não perder o emprego. Coitado.

O sr. Castro, o talentoso sr. Castro! Coitado! Mas quem é o sr. Castro? E o que é o sr. Castro?



Creio que é tão branco por dentro

como por fóra. E' um homem em branco.

A natureza, querendo dar-nos um exemplo de um espaço vivo, creou o sr. Castro.



Quando a gente chega ao sr. Castro, diz: — Passemos adiante! e damos com o sr. Hudson,

que é um espaço em preto. Que contraste!!!

### O centenário.

O empregario, os artistas, os auctores, os musicos, os coristas, os scenographos, os comparsas, o contra regra, o ponto, os carpinteiros, etc., da Phenix, festejaram no Batignolles fluminense, no Restaurant Campestre, ao Jardim Botânico, a *centième* dos Sinos de Cornville.

Correu o banquete com muita animação. Não escapou uma unica pessoa do Rio de Janeiro de ser brindada, porque o Vasques teve a feliz idéa de levantar um *toast* ao publico. E' pouco. Devia ser á humanidade...

Si assim fosse, tinhamos por ahí qualquer dia mais um pamphleto de Octavio Carvora, ou mesmo uma carta de Victor Hugo.

Quem sabe?

IGNOTUS.

### Vejam que graça...

Sumiu-se de repente...  
E nunca mais o vi...  
Achei-o finalmente  
oculto em Catumby,  
coitado! tão doente  
que o não reconheci!

Da pallidez infinda  
as causas inqueri;  
todo a tremer ainda,  
responde o pobre: Li  
um dia um folhetim d'A-  
menophis-Effendi.

T. DE B.

### Umás tantas cousas



lguns membros do Conservatório lembraram-se de pedir ao artista Furtado Coelho, que traduzisse o nome *Poirier*.

O senhor Furtado respondeu-lhe:

— Vocês são uns Pereiras...

A actriz Adelaide Pereira tem a sua *chance* em saber certas cousas. Discutia-se suicídio — nos bastidores novos do S. Pedro.

— Pois eu, accentuou a pequena actriz, só me suicidava com o curare.

Anda em dia a menina!

A proposito da *Viagem á volta do mundo*, diz o chronista do *Cruzeiro* que a actriz Apollonia é, além de tudo, conscienciosa.

Ora é uma pequena chapa, que desde o primeiro dia em que a actriz Apollonia viu a luz... da rampa, principiou de usar-se em seu proveito.

O que me admira não é o uso ainda da tal chapa, é que alguém não tivesse vindo dizer:

— A consciencia da actriz Apollonia é que não é... conscienciosa.

THOMAZINNI, o *bibliophilo*.

### Ao sr. ministro da fazenda.



ignou-se o alto espirito de v. ex. dirigir aos bons velhotes directores do Banco do Brasil um memoravel officio, ou que quer que é, em que o esbragado da linguagem corre parelhas com ridiculos erros de syntaxe.

Conbe a v. ex. a honra e a gloria de introduzir na alta administração do paiz o que até agora era da competencia exclusiva do

anonymo : a mofina.

V. ex. fez da mofina uma instituição, outro poder do Estado.

Parabens, parabens a v. ex!

O meu fito, porém, exmo. sr., dirigindo me a v. ex., não é propriamente censurar a violencia, o excesso, a desnudez da linguagem dos officios de v. ex., pois bellamente sei que o *estyló* é o *homem*.

O que eu pretendo simplesmente é que v. ex. responda, com toda a sua boa fé, com toda a delicadeza de que fór susceptivel o levantado animo de v. ex., ao seguinte:

Si, para um baixo emprego de secretaria, exige-se, afóra muito outro luxo de erudição, cabal conhecimento da lingua portugueza, para ser ministro de estado, isto é, para occupar dignamente o mais alto cargo publico d'este paiz, bastará saber dar os bons dias em hebraico, pedir fogo em sanscrito e ser attento venerador e creado em sueco?

Cuido que não, e v. ex. fallando ou escrevendo, ha de afinal confessar que não sabe dons dedos de grammatica.

Uma de duas: ou v. ex., de hoje por diante, depois das horas do expediente, entregar-se-ha inteiramente, exclusivamente ao estudo assiduo e á leitura afinçada de Barros, Camões e Vieira; ou, então, já que v. ex. é, com tanta razão, teúdo e mantido na conta de grande sabedor de linguas mortas, lavrará um decreto declarando que foi exonerada, a bem do serviço publico, a lingua portugueza, passando o hebraico a ser a lingua official do imperio do Brasil.

E assim, caberá mais a v. ex. a gloria de ter substituido ao velho e estafado: *Ou cré ou morre!* o original dizer: *Ou falla hebraico ou é demittido!*

DOM BIBAS.

### Escrupulos.

Um estrangeiro, recentemente chegado entre nós, foi inopinadamente agredido na rua do Ouvidor pelo Sr. \*\*\* (1).

Alguem estranhou que não tomasse desforço. Respondeu:

— Pertengo á sociedade protectora dos animaes.

IGNOTUS.

(1) Julgamos prudente substituir por tres estrelas o nome do aggressor. Não foi o Sr. Alberto de Carvalho. S. & já não aggride.

## Margarida

Parece burilada em branca cêra  
Transparecendo leves tons de rosa,  
D'um beijo na questrua voluptuosa  
O seu talhe gentil se dissolvera.

Mãos cujas palmas tenras excedera  
A coma da camelia mais mimosa,  
E d'entre alvor de saia murmurosa  
Pê que n'um lyrio todo se escondera.

No descuido do chic e da innocencia  
Mostrava-se-lhe o collo entre o decote,  
Lindo como um lilaz na florescencia.

D'esse primor de tulle e chamalote,  
Sentia-se exhallar a fina essencia  
Da portentosa flôr de um rico dote.

ZÉ DO PATO.

## A M. le Chef de la Police

(CARTA EM FRANCEZ — ESTYLO IMPERIAL)

Cher monsieur,

J'allègue ma qualité de citoyen, et votre affection, pour vous demander un petit service du quel je vous remercie avant du temps.

Il y a, monsieur, vous le devez savoir si bien que nous, dans plusieurs rues de cette ville, un grand nombre de dames de la vie airade, que se permettent la liberté d'attaquer avec toute la desafacatois les hommes qui vont passant, non seulement ceux qui ont désir, mais aussi ceux qui n'ont le désir de les proceuer — ce qui est très encaifant pour ces derniers, et leur font tomber le visage au pavé et même perdre la manière de marcher, principalement si par l'autre coté de la rue va passant une famille et avec elle une petite fille chic, une morène aux yeux noirs, de celles là qui nous appellons — une bonne fidade; vous savez.

Mais, comme j'allais disant: ça ne peut continuer. Oui; quand un homme est en disposition, va; mais quand il n'est en disposition — même avec indisposition, pour ne pardonner le calembourg — être ainsi attaqué par des femmes, des biraies qu'il n'a vues naître, c'est même pour les faire aller aux faves.

Mais, cher monsieur, ces femmes là sont dunnés: elles ne veulent savoir si un homme est marié, un père de fils; elles veulent savoir seulement s'il est... homme, ce qui est une véritable incalistration pour ceux qui ne goutent de ce genre de femmes si desbraguées.

Eh bien, monsieur; nous, c'est-à-dire, moi pour nous, je viens ici avec tout le respecte et acatement, vous diriger ces toques lignes, en alçant ma frêlo voix jusqu'à vous, pour vous demander la grace d'endroiter ces femmes par une fois, les obliger a se comporter mieux, et surtout faire avec qu'elles changent complètement de rume.

Monsieur, j'espère être servi, et je profite de cette occasion pour vous remercier à cause

de ce que vous avez été si accueillant pour moi, et je profite aussi de cette occasion pour m'assigner,

vous ami, obligé et crié  
J DOM QUELQUE CHOSE,  
*qui parle et qui écrit mieux le français.*

P. S. — Veuillez, cher monsieur, me recommander a toute votre respectable famille, si est que vous l'avez.  
Votre,

LE MÊME.

## Noticiario

redacção do *Besouro* vai um tanto avariada na sua importante saude.

E' que nem todos os domingos são dias santos, e quem vai á chuva, molha-se.

Em um relatório policial do Sr. Dr. Andrade Pinto, ha dias publicado na *Gazeta* (o relatório), diz elle (o doutor) que « não pôde fazer Maria de bode expiatorio. »



Esta expressão, que em termos de jurisprudencia pôde ser correcta e de accordo com Lobbão e Perdigão, não o é com relação á grammatica, affirma-o o Sr. Cony, o grammaticão.

O illustre professor entende que o illustre doutor deve corrigir sua expressão e dizer que « não pôde fazer Maria de bóda expiatoria », isso não.

E o Sr. Cony tem razão, pois não!

O Sr. Victorino de Barros acaba de fazer uma descoberta. (!)

Descobriu que ha alguma cousa mais extensa, maior, mas muito maior que a voz do Sr. Tamagno: é a mão do mesmo Sr. Tamagno.

Oh! oh! Sr. Victorino de Barros!

Um nosso amigo envia-nos o seguinte bilhetinho perfumado que hontem encontrou no meio da rua, dobrado em forma de abraço:

« Querido visconde.

« De prados, flôres e auroras já estou blasé. Quero agora, anjo, alguma cousa mais real, mais interessante e mais sonante.

Manda-me o que te peço, embulhado n'um dos teus matadores sorrisos, e lembra-te sempre da que é

Tua até a morte  
Maria Procopio. »

Que enigma!

Por estar doente por falta de saude, não fez hoje o noticiario d'esta espirituosa folha

O noticiaria  
KARLO MELLO.

N. B. Fui eu mesmo que fiz o noticiario, mas é que como elle sahio muito ruim, quero enganar os outros e ver se são tão espertos como eu sou.

K. MELLO.

## THEATROLOGIA POLITICA. — O Barbeiro de Sevilha no Lyrico.

A opera, misturada em a nossa cabeça com tanta outra cousa, dou-nos os seguintes precipitados:

## ARIA DO BARBEIRO

ACTO 1.º, SCENA 2.ª



1.º precipitado.

Besori e pettini,  
Lancette e forbici,  
Al mio comando  
Tutto qui stà.  
La ran, là là,



2.º precipitado.

Tutti mi chiedono,  
Tutti mi vogliono,  
Donne, ragazzi,  
Vecchi, fanciulle,  
Qua la parruca...  
Presto la barba...  
Qua la sanguigna...  
Figaro... Figaro...  
Son qua, son qua.  
Figaro... Figaro...  
Eccomi qua.



3.º precipitado.

Presto, prontissimo  
Son come il fulmine,  
Sono il factotum  
Della città.  
Ah bravo Figaro,  
Bravo, bravissimo,  
Fortunatissimo  
Per verità.



D. XEZCRA e OS FORMECEDORES

1.º ACTO

4.º precipitado.

Chico.

Mille grazie... mio signore...  
Del favore... dell'onore...  
Ah di tanta cortesia  
Obbligat in verità.  
(Oh che incontro fortunato!  
È un signor di qualità.)

ALTERNATIVA.

Basta, basta, non parlate...  
Ma non serve, non gridate...

8.º precipitado, acto 1.º, scena 6.ª. Aria da calumniana.

DOM BASILIO.

La calunnia è un venticello,  
Un aurette assai gentile,  
Che insensibile, sottile,  
Leggermente, dolcemente,  
Inocua a susurrar, etc.

È il meschino calunniato  
Avvilto, colpoato  
Sotto il publico flagello, etc.

Zé Povinho — OPRE DE VEROS e DIARIO OFFICIAL.

8.º precipitado.

A aria da calunniana é cantada depois da  
scena em que o supposto ferrador varre a espal-  
deirada toda a scena e em que o barbeiro canta:  
(Signor, prudencia,  
Per carità.)



7.º precipitado. — Acto 2.º, scena 3.ª

O barbeiro parte-lhe toda a longa. Dom  
Bartholo (Zé Povinho) grita:  
Oh! che briccone! me lo diceva lioure.



ESTABANSE AS CORTINAS DO BARBEIRO e CANTA  
COM APOLOGIA DE XEZCRA e ZÉ POVINHO.

8.º precipitado (scena final).

A scena final do Barbeiro de lá é exactamente  
a scena final do barbeiro de cá; afinal quem paga  
as lavas é Zé Povinho (Dom Bartholo).



TUTTI II. DIZENDO.

Buona sera, mio signore,  
Pace, sonno e sanità.

O PUELO.

Maldetto seccatore! — NÉ é verdade?